

[Gal/Cast] Sem alternativa à economia de mercado?

MAURICIO CASTRO :: 23/06/2015

Como aquella socialdemocracia convertida definitivamente en social-liberal. Ese es el programa de Podemos y, en nuestro país -Galiza- de las candidaturas ciudadanistas

Galego

Assim de contundente foi o líder da alternativa eleitoral ao bipartidarismo espanhol vigorante, em declarações recentes ao *The Wall Street Journal*.

Num ataque de sinceridade que deveríamos agradecer, Pablo Iglesias afirmou que “nom há umha verdadeira alternativa à economia de mercado”.

Umha sentença que dá continuidade a um pensamento constante nas diversas correntes de pensamento defensoras do sistema em vigor. Talvez a mais conhecida e divulgada tenha sido nas últimas décadas a do filósofo japonês Francis Fukuyama, pensador da direita neoliberal, no seu best seller do fim dos anos 80: “O fim da história”. Eram os tempos da queda do chamado campo socialista no leste da Europa. Lembram?

Porém, na verdade, a origem desse pensamento remonta nada menos que ao maior filósofo do pensamento burguês nascente, a cavalo entre os séculos XVIII e XIX: Georg Wilhelm Friedrich Hegel, que o formulou, inspirando-se na ascensão das ideias de progresso trazidas primeiro pela Revolução Francesa e depois pela extensão do império napoleónico frente ao esmorecimento do Antigo Regime. O genial filósofo idealista alemão afirmava que a monarquia liberal e democrática traria o equilíbrio final em que a civilização mais avançada, a europeia e burguesa, atingiria o fim da história sob um Estado situado por cima das classes e representativo de todas elas.

Bebendo da inesgotável fonte hegeliana, mas também ultrapassando o seu idealismo, outro alemão, Karl Marx, conseguiu desmontar, com base no rigor analítico e na evidência histórica, essa tese do velho Hegel, situando o Estado burguês e o modo de produção capitalista nos termos reais que lhes correspondem, como mais um entre os diferentes que já tenham existido na história da humanidade, sempre ao serviço da classe dominante em cada modo de produção.

Como as anteriores, a concepção do mundo burguesa caracteriza-se pela autoconsideração como a melhor, a definitiva e a única possível. Tal como no interior das sociedades escravistas ninguém tinha dúvidas sobre o seu carácter universal e eterno, também o feudalismo se caracterizou por idêntica autoconsideração, até um e outro serem ultrapassados pelo desenvolvimento das suas contradições internas num desenrolar histórico das capacidades e necessidades humanas por cima dos espartilhos impostos pelas relações sociais de cada época.

Umha versão espanhola e vulgarizada da mesma ideia de Hegel e Fukuyama foi também formulada, como sabemos, pelo presidente Felipe González: “Vivemos no melhor dos

mundos possíveis”, afirmou o principal artífice da incorporação do Estado espanhol a um neoliberalismo cujas consequências padecemos em toda a sua crueza.

Sintomaticamente, Pablo Iglesias, o líder carismático que está a encarregar os indignados para o rego da institucionalidade pró-sistema, também afirma agora o seu compromisso com a concepção do mundo burguesa-capitalista, que como todas as anteriores é considerada a única possível, universal e eterna, mesmo em plena crise terminal como a que vivemos.

A importância dessa afirmação não está na curiosa equiparação com os dois antecedentes referidos: Fukuyama e González. O verdadeiramente relevante é o significado dessa leitura da realidade política sobre a qual operam Pablo Iglesias e o seu novo partido: o capitalismo é insuperável e, portanto, só cabem políticas compensatórias das suas intrínsecas desigualdades e injustiças. A redistribuição da riqueza, os subsídios aos setores excluídos e a “democratização” de um sistema de exploração inevitável.

É essa, no fundo, uma aberta identificação com os restos do que historicamente foi a social-democracia. Um movimento que a inícios do século XX aspirou a um progresso linear que conduzisse ao socialismo através do desenvolvimento progressivo e mundial do próprio capitalismo. Que mais tarde deixou atrás o objetivo socialista para se conformar com uma razoável democratização e distribuição da riqueza no centro capitalista, numa miragem que pareceu real durante as décadas de Estado de Bem-Estar a cujo fim agora assistimos.

Com aquela social-democracia convertida definitivamente em social-liberal, as lideranças neo-reformistas do movimento indignado levantam o punho para reclamar o retorno a 2007, antes do rebentamento da atual crise. Eis o programa de Podemos e, no nosso país, das candidaturas cidadanistas que tam bons resultados obtivérom nas recentes eleições municipais.

Não são relevantes as diversas doses de boa vontade ou oportunismo que podem alimentar essas iniciativas críticas de esquerda reformista. O relevante está na declaração de parte que agora Pablo Iglesias verbaliza com a sua frase: **“não há alternativa à economia de mercado”**.

Podemos e o chamado cidadanismo, tal como o seu referente grego, Syriza, assumem a concepção de vida burguesa e a impossibilidade material de quebrar a lógica mercantil-capitalista, hoje representada para nós, como galegos/as, pelos poderes institucionalizados na União Europeia, na NATO, na união monetária e no Estado espanhol.

Com essa limitação autoimposta, nada de substancialmente diferente à decadente barbárie capitalista poderá vir, como nunca veio, da mão de quem não aspira a ser nada mais que a sua consciência crítica.

Castellano

Así de contundente fue el líder de la alternativa electoral al bipartidarismo español vigente, en declaraciones recientes al The Wall Street Journal.

En un ataque de sinceridad que deberíamos agradecer, Pablo Iglesias afirmó que “no hay

una verdadera alternativa a la economía de mercado”.

Una sentencia que da continuidad a un pensamiento constante en las diversas corrientes de pensamiento defensoras del sistema en vigor. Tal vez la más conocida y divulgada haya sido en las últimas décadas la del filósofo japonés Francis Fukuyama, pensador de la derecha neoliberal, en su best seller de finales de los años 80: “El fin de la historia”. Eran los tiempos de la caída del llamado campo socialista en el este de Europa. ¿Recuerdan?

Sin embargo, en realidad, el origen de ese pensamiento se remonta nada menos que al mayor filósofo del pensamiento burgués naciente, a caballo entre los siglos XVIII y XIX: Georg Wilhelm Friedrich Hegel, que lo formuló, inspirándose en la ascensión de las ideas de progreso traídas primero por la Revolución Francesa y después por la extensión del imperio napoleónico frente a un Antiguo Régimen en crisis. El genial filósofo idealista alemán afirmaba que la monarquía liberal y democrática traería el equilibrio final en que la civilización más avanzada, la europea y burguesa, alcanzaría el fin de la historia, bajo un Estado situado por encima de las clases y representativo de todas ellas.

Bebiendo de la inagotable fuente hegeliana, pero también rebasando su idealismo, otro alemán, Karl Marx, consiguió desmontar, con base en el rigor analítico y en la evidencia histórica, esa tesis del viejo Hegel, situando el Estado burgués y el modo de producción capitalista en los términos reales que les corresponden, como otro entre los diferentes que ya han existido en la historia de la humanidad, siempre al servicio de la clase dominante en cada modo de producción.

Como las anteriores, la concepción del mundo burguesa se caracteriza por la autoconsideración como la mejor, la definitiva y la única posible. Así como en el interior de las sociedades esclavistas nadie tenía dudas sobre su carácter universal y eterno, también el feudalismo se caracterizó por idéntica autoconsideración, hasta que uno y otro fueron rebasados por el desarrollo de sus contradicciones internas a través del desarrollo histórico de las capacidades y necesidades humanas por encima de los corsés impuestos por las relaciones sociales de cada época.

Una versión española y vulgarizada de la misma idea de Hegel y Fukuyama fue también formulada, como sabemos, por el presidente Felipe González: “Vivimos en el mejor de los mundos posibles”, afirmó el principal artífice de la incorporación del Estado español a un neoliberalismo cuyas consecuencias padecemos en toda su crudeza.

Sintomáticamente, Pablo Iglesias, el líder carismático que está encaucando a los indignados para el ámbito de la institucionalidad pro-sistema, también afirma ahora su compromiso con la concepción del mundo burguesa-capitalista que, como todas las anteriores, es considerada la única posible, universal y eterna, incluso en plena crisis terminal como la que vivimos.

La importancia de esa afirmación no está en la curiosa equiparación con los dos antecedentes referidos: Fukuyama y González.

Lo verdaderamente relevante es el significado de esa lectura de la realidad política sobre la cual operan Pablo Iglesias y su nuevo partido: el capitalismo es insuperable y, por lo tanto, solo caben políticas compensatorias de sus intrínsecas desigualdades e injusticias. La

redistribución de la riqueza, los subsidios a los sectores excluidos y la “democratización” de un sistema de exploración inevitable.

Es esa, en el fondo, una abierta identificación con los restos de lo que históricamente fue la socialdemocracia. Un movimiento que a inicios del siglo XX aspiró a un progreso lineal que condujera al socialismo a través del desarrollo progresivo y mundial del propio capitalismo. Que más tarde dejó atrás el objetivo socialista para conformarse con una razonable democratización y distribución de la riqueza en el centro capitalista, en un espejismo que pareció real durante las décadas de Estado de Bienestar a cuyo fin ahora asistimos.

Con aquella socialdemocracia convertida definitivamente en social-liberal, los liderazgos neo-reformistas del movimiento indignado levantan el puño para reclamar el retorno a 2007, antes de la explosión de la actual crisis. Ese es el programa de Podemos y, en nuestro país - Galiza- de las candidaturas ciudadanistas que tan buenos resultados han obtenido en las recientes elecciones municipales.

No son relevantes las diversas dosis de buena voluntad u oportunismo que puedan alimentar esas iniciativas críticas de izquierda reformista. Lo relevante está en la declaración de parte que ahora Pablo Iglesias verbaliza con su frase: “No hay alternativa a la economía de mercado”.

Podemos y el llamado ciudadanismo, así como su referente griego, Syriza, asumen la concepción de vida burguesa y la imposibilidad material de quebrar la lógica mercantil-capitalista, hoy representada para nosotros, como galegos/as, por los poderes institucionalizados en la Unión Europea, en la OTAN, en la unión monetaria y en el Estado español.

Con esa limitación autoimpuesta, nada substancialmente diferente a la decadente barbarie capitalista podrá venir, como nunca vino, de la mano de quién no aspira a ser nada más que su conciencia crítica.

<https://galiza.lahaine.org/gal-cast-sem-alternativa-a>